

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III)

7 de setembro de 2024

EDIPO / 2004

*de Raúl Ruiz*

**Realização e Argumento:** Raúl Ruiz / **Assistentes de Realização:** Marta Conti, Alessandro Tognon / **Montagem:** Valeria Sarmiento e Jean-Christophe Hym, La Fémis / **Direção de Fotografia:** Jaen-Yves Coic / **Assistente:** Lucio Granelli / **Som:** Vasco Pimentel, Antonio Ribeiro / **Mixagem:** Alain Garnier / **Direção Técnica:** Sergio Zagaglia / **Interpretação:** Marco Cavicchioli, Silvia Pasello, Silvio Castiglioni, Laura Colombo, Rolando Mugnai, MariaGrazia Mandruzzato, Luisa Pasello, Roberto Bacci, Stegano Vercelli, Alessandro Tognon, Entirco Bagnoli, Andrea Balducci, Vasco Pimentel, Antonio Ribeiro, Marta Conti, Alessandra Paoli

**Produtor:** Luca Dini para a Fondazione Pontedera Teatro / **Produtor Associado:** Jordi Torrent / **Cópia:** digital, a cores e preto e branco, com diálogos em italiano e português, e legendada eletronicamente em português. **Duração:** 80 minutos. Disponibilizada pelo Archívio del Teatro di Pontedera, da Fondazione Teatro della Toscana, localizado no Teatro Era / Primeira exibição na Cinemateca

Em 1989, Raúl Ruiz escreve e dirige, na vila toscana de Buti, o espetáculo *Edipo Iperboreo*, a partir do qual nasce o filme EDIPO, concluído apenas em 2004 pela Fondazione Pontedera Teatro. Trinta e quatro anos depois, em 2023, é publicado, pela primeira vez, o texto que deu origem ao espetáculo, num livro intitulado *Edipo Hiperbóreo. Una antología de fábulas sobre el exilio y la tiranía*. Partindo dos manuscritos em francês e italiano, conservados no Arquivo Ruiz-Sarmiento, a diretora teatral Elisa Chaim traduziu e reconstruiu o texto.

No seu artigo *Teatro desde el exilio. La escritura permeable de Raúl Ruiz*, Chaim narra o processo através do qual toma contacto com a escrita dramática de Ruiz, e o extenso trabalho de investigação e exploração que desenvolveu no seu *arquivo*, até então desorganizado e marcado pela passagem do tempo e o envelhecimento das folhas. Nesse arquivo, Chaim descobre uma componente da produção artística de Ruiz que permanece, ainda hoje, relativamente desconhecida quando comparada com o seu trabalho em cinema. Ao longo de vários anos, da adolescência até aos últimos anos da sua vida, Ruiz produziu, de forma constante, vários textos para teatro: “todo o tipo de obras. Peças de uma só linha, outras de mais de cem páginas. Várias versões do mesmo texto. Muitas obras incompletas. Escritas em diferentes estilos. Muitos textos de um só ato, mas também de dois, três, de cinco. Radioteatro. E inumeráveis folhas soltas com apontamentos e reflexões sobre as mesmas obras, anotações ou ideias soltas” (Elisa Chaim). De entre todos estes documentos, sem qualquer numeração

ou indexação, Chaim distingue, contudo, uma clara diferença entre os textos produzidos antes e depois do exílio. Os manuscritos revelam uma profunda relação com a biografia do autor e as suas transformações, explorando, na fase de exílio em Paris, após o Golpe de Estado no Chile, a sua realidade interna nessa nova condição de exilado. Sendo esta a componente menos conhecida da produção artística de Ruiz, é tentador considerar estes manuscritos (a maioria inéditos) uma espécie de *diário*, ou espaço em que se inscreve a dinâmica interna de um artista *deslocado*.

*Edipo Hiperbóreo*, como a investigadora assinala, gira em torno da temática do exílio e da incessante procura por um lugar de acolhimento. O *deslocamento* forçado gera uma permanente tensão entre sentimentos de pertença e não-pertença: a necessidade do sujeito se abrir para uma nova cultura, permanecendo, contudo, e inevitavelmente, um *estrangeiro*, vinculado às suas origens (à sua identidade nacional, cultural). Nesta oscilação – aquilo que Chaim descreve como uma ferida permanentemente aberta pelo exílio, que é, contudo, permeável a diálogos e intercâmbios – traçam-se novas relações que desafiam limites e fronteiras preestabelecidos. Chaim sublinha como uma das principais características da produção dramática de Ruiz durante o período de exílio, a forma como diferentes línguas e universos culturais são misturados, desconstruídos, *desorganizados* e combinados sem responder a qualquer tipo de coerência. “Parece-me que é possível falar de uma escrita permeável que funciona como uma esponja, pois absorve as diferentes línguas que deambulam em torno, e permite também acolher as derivas aleatórias do momento, sem pensar na correspondência lógica” (Elisa Chaim). Também em EDIPO, as referências culturais se misturam e confundem, desafiando as narrativas históricas e, conseqüentemente, as identidades culturais, nacionais e individuais enquanto componentes estanques. Essa “provocação” à linearidade das narrativas, às “verdades” históricas, às referências culturais, reflete o processo de intercâmbio que ocorre entre o indivíduo exilado e o espaço que o acolhe, um constante exercício de negociação e transformação.

Em EDIPO não falta ainda o surrealismo e o *absurdo* que caracterizam o trabalho de Ruiz, a vontade de desafiar qualquer tipo de coerência ou linearidade, o onirismo da música ou dos cenários. Na versão cinematográfica de EDIPO, a noção de intercâmbio reflete-se ainda no cruzamento entre diferentes disciplinas artísticas, combinando a estética e os mecanismos do teatro, da pintura e do cinema. É através da câmara que percorremos lentamente, como uma extensão de um olho atento, os vinte quadros de um misterioso pintor; quadros vivos, interpretados num palco cénico, imortalizado pelo cinema, em que os mecanismos do *medium* são explorados ao máximo, de forma a recriar a linguagem e a estética da pintura – a luz, o contraste, a cor.

ÉDIPO é um exemplo da transversalidade da obra de Ruiz: evidencia o impacto da sua condição de exilado na sua experiência do mundo e no seu trabalho, revelando ainda a forma como o autor abraça a criação e a fruição artística, num constante cruzamento que desafia qualquer lógica, procurando uma abertura ao diálogo, ao intercâmbio e à construção de novas

realidades.

Sara Oliveira Duarte